

Benedito Rodrigues da Silva Neto
(Organizador)

Saúde Pública e Saúde Coletiva: Dialogando sobre Interfaces Temáticas 3



Benedito Rodrigues da Silva Neto
(Organizador)

Saúde Pública e Saúde Coletiva:
Dialogando sobre Interfaces Temáticas 3

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

| Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG) | |
|---|---|
| S255 | Saúde pública e saúde coletiva [recurso eletrônico] : dialogando sobre interfaces temáticas 3 / Organizador Benedito Rodrigues da Silva Neto. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Saúde Pública e Saúde Coletiva. Dialogando Sobre Interfaces Temáticas; v. 3) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-590-7 DOI 10.22533/at.ed.907190209 1. Política de saúde. 2. Saúde coletiva. 3. Saúde pública. I. Silva Neto, Benedito Rodrigues da. II. Série. CDD 362.1 |
| Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422 | |

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A coleção “Saúde Pública e Saúde Coletiva: Dialogando sobre Interfaces Temáticas” é uma obra composta de cinco volumes que tem como foco principal a discussão científica por intermédio de trabalhos diversos que compõe seus capítulos. Cada volume abordará de forma categorizada e interdisciplinar trabalhos, pesquisas, relatos de casos e/ou revisões que transitam nos vários caminhos da saúde pública e saúde coletiva.

O terceiro volume da obra tem como característica principal a capacidade de reunir atividades de ensino, pesquisa e extensão desenvolvidas em diversas regiões do país, observando a saúde em diversos aspectos e percorrendo o caminho que parte do conhecimento bibliográfico e alcança o conhecimento empírico e prático.

Congregamos aqui trabalhos desenvolvidos com a característica sólida de conteúdo teórico, que como sabemos deve ser muito bem fundamentado, com uso de trabalhos que já abordaram o assunto, perfazendo uma revisão ampla e ao mesmo tempo precisa, descrevendo o assunto com um olhar crítico e inovador.

Para que os estudos em saúde se desenvolvam é preciso cada vez mais contextualizar seus aspectos no ensino, isso nos leva à novas metodologias, abordagens e estratégias que conduzam o acadêmico à um aprendizado mais específico e consistente.

Deste modo a obra Saúde Pública e Saúde Coletiva apresenta uma teoria bem fundamentada nos resultados práticos obtidos pelos diversos professores e acadêmicos que arduamente desenvolveram seus trabalhos que aqui serão apresentados de maneira concisa e didática. Sabemos o quão importante é a divulgação científica, por isso evidenciamos também a estrutura da Atena Editora capaz de oferecer uma plataforma consolidada e confiável para estes pesquisadores exporem e divulguem seus resultados.

Benedito Rodrigues da Silva Neto

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| CAPÍTULO 1 | 1 |
| 'NÓS NA REDE': CONTRIBUÇÕES DO PROJETO EXTENSIONISTA E SUAS PRÁTICAS EDUCATIVAS NA PROMOÇÃO DA SAÚDE | |
| Simone Cristina Tizziani | |
| Milena Gatto | |
| Amanda Luiza Marconcini | |
| Roberta Lamoglia | |
| Debora Cristina de Lima Almeida | |
| Carlos Alberto Machado Filho | |
| Graziela Argenti | |
| Danielle Bordin | |
| Fabiana Bucholdz Teixeira Alves | |
| Alessandra de Souza Martins | |
| Manoelito Ferreira Silva Junior | |
| Cristina Berger Fadel | |
| DOI 10.22533/at.ed.9071902091 | |
| CAPÍTULO 2 | 11 |
| A SAÚDE VAI À ESCOLA: PROMOVENDO PRÁTICAS DE VIDA SAUDÁVEIS | |
| Cristiane Salete Paravisi | |
| Denise Becker | |
| Geni Maria Leoratto Bringhenti | |
| Magali Rossetti | |
| Zuleica Regina de Souza Guerra | |
| DOI 10.22533/at.ed.9071902092 | |
| CAPÍTULO 3 | 16 |
| A IMPORTÂNCIA DA INTERDISCIPLINARIEDADE E PARTICIPAÇÃO FAMILIAR NO CUIDADO DA ATENÇÃO A SAÚDE MENTAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES: RELATO DE UM AMBULATÓRIO MULTIDISCIPLINAR EM HOSPITAL GERAL | |
| Francisco de Brito Melo Júnior | |
| Janine de Carvalho Bonfadini | |
| Lara Elloyse Almeida Moreira | |
| Cynthia Lima Sampaio | |
| Ana Nery de Castro Feitosa | |
| Hilzanir Barbosa de Medeiros Machado | |
| Antônia Ionésia Araújo do Amaral | |
| Lúcia Maria Sampaio de Pinho Pessoa | |
| DOI 10.22533/at.ed.9071902093 | |
| CAPÍTULO 4 | 23 |
| CONSTRUÇÃO E VALIDAÇÃO DE JOGO EDUCATIVO PARA PREVENÇÃO DO HIV/AIDS EM IDOSOS | |
| Aglauvanir Soares Barbosa | |
| Aline Rodrigues Feitoza | |
| Maria Eliana Peixoto Bessa | |
| Sarah Maria Feitoza Souza | |
| Maria Patrícia Sousa Lopes | |
| Carla Sinara Rodrigues Torres | |
| DOI 10.22533/at.ed.9071902094 | |

CAPÍTULO 5 35

CONTINGÊNCIAS E PARADIGMAS NA COMUNICAÇÃO DE NOTÍCIAS DIFÍCEIS

Elza Lima da Silva
Marina Belchior Cavalcanti
Aurean D'Eça Júnior
Flávia Baluz de Farias de Bezerra Nunes
Aline Lima Pestana Magalhães
Rosangela Almeida Rodrigues de Farias
Rita Rozileide Nascimento Pereira

DOI 10.22533/at.ed.9071902095

CAPÍTULO 6 43

CORRELATOS DO USO DE ÁLCOOL E BUSCA DE SENSACIONES EM ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS

Kairon Pereira de Araújo Sousa
Emerson Diógenes de Medeiros
Anne Caroline Gomes Moura
Paulo Gregório Nascimento da Silva
Ricardo Neves Couto

DOI 10.22533/at.ed.9071902096

CAPÍTULO 7 55

CUIDADOS DE ENFERMAGEM AO IDOSO COM DOENÇA DE ALZHEIMER: REVISÃO DE LITERATURA

Leia Simone Agostinho de Sousa
Évelyn Oliveira da Costa Leal
Bianca Ribeiro da Mata
Laiana Dias Prudêncio
Verônica Shirley Torres Leite
Eysland Lana Felix de Albuquerque
Juliana Pereira de Sousa
Fabiana Herica Castro Piedade
Keciane Barbosa Soares
Marina Ribeiro da Fonseca

DOI 10.22533/at.ed.9071902097

CAPÍTULO 8 67

ENSINO DA SISTEMATIZAÇÃO DA ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM EM CURSOS DE ENSINO TÉCNICO DE ENFERMAGEM

Hyldeane Santos Ferreira
Samia Carine Castro Damascena
Kezia Cristina Batista dos Santos
Geysa Santos Góis Lopes
Alinne Suelma dos Santos Diniz
Rosilda Silva Dias

DOI 10.22533/at.ed.9071902098

CAPÍTULO 9 75

ERA UMA VEZ ... UM NOVO JEITO DE PROMOVER SAÚDE NA INFÂNCIA

Tayná Portilho Prado
Ana Laura Batista
Ana Paula Safons Schardosim Santos
Larissa Stenger Antunes
Eliane Regina Pereira
Inea Giovana Silva-Arioli

DOI 10.22533/at.ed.9071902099

CAPÍTULO 10 90

FORMAÇÃO DE MONITORES EM IST/AIDS POR MEIO DA ABORDAGEM DE EDUCAÇÃO EM PARES: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Rodrigo Kelson Pereira dos Santos
Hellen Tyciane de Santana Gomes
Francisco Vitor Pereira de Sousa
Karlla Susane Costa Monteiro
Flávia de Almeida Carvalho

DOI 10.22533/at.ed.90719020910

CAPÍTULO 11 95

IMPORTÂNCIA DA IMPLANTAÇÃO DO SISTEMA NACIONAL DE AUDITORIA-SNA COMPONENTE MUNICIPAL EM UBAJARA-CE

João Harlley de Menezes Vasconcelos
Patrícia Feitoza Santos
Ione Campos da Silva
Deisyane Sousa do Nascimento Silva
Taynara Viana Paiva

DOI 10.22533/at.ed.90719020911

CAPÍTULO 12 105

INSTRUMENTOS VALIDADOS UTILIZADOS COM CUIDADORES NO CONTEXTO HOSPITALAR: REVISÃO INTEGRATIVA

Livia Alessandra Gomes Aroucha
Tamires Barradas Cavalcante
Ana Hélia de Lima Sardinha
Ana Paula Matos Ferreira
Moisés Ferreira Serra

DOI 10.22533/at.ed.90719020912

CAPÍTULO 13 120

LOGÍSTICA REVERSA DOS RESÍDUOS SÓLIDOS DE SAÚDE

Rogério Pereira de Sousa
José Henrique Rodrigues Stacciarini

DOI 10.22533/at.ed.90719020913

CAPÍTULO 14 129

MATERIAL EDUCATIVO IMPRESSO (MEI), COMO UMA ESTRATÉGIA NO CONTROLE DA ESPÉCIE INVASORA *Achatina fulica Bowdich*, 1822 (GASTROPODA: PULMONATA)

Carla Vasconcelos Freitas
Vivian da Silva Gomes
Ananda Caroline Vasques Dantas Coelho
Roberta de Paula Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.90719020914

CAPÍTULO 15 136

MATERIAL IMPRESSO DIRECIONADO PARA PROFISSIONAIS DA SAÚDE, COMO UMA ESTRATÉGIA NA VIGILÂNCIA EPIDEMIOLÓGICA DA ESQUISTOSSOMOSE MANSONI NO ESTADO DO CEARÁ

Carla Vasconcelos Freitas
Vivian da Silva Gomes
Ananda Caroline Vasques Dantas Coelho
Roberta de Paula Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.90719020915

CAPÍTULO 16 142

METODOLOGIAS ATIVAS: UMA NOVA ABORDAGEM PEDAGÓGICA UTILIZADA COM ALUNOS DA GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM

Nayana Santos Arêa Soares
Márcia Astrês Fernandes
Ítalo Arão Pereira Ribeiro
Rosa Jordana Carvalho
Carliane da Conceição Machado Sousa

DOI 10.22533/at.ed.90719020916

CAPÍTULO 17 152

O ENSINO DAS PRÁTICAS INTEGRATIVAS E COMPLEMENTARES NO SUS: UMA PESQUISA-AÇÃO

Leandro Ferreira de Melo
Ana Karina Matos Filgueira
Cristiane de Góis Pereira
Emanuela Karine Gomes da Silva
Emanuelle Monaliza de Sousa Gomes
Erison Moreira Pinto
Ilza Iris dos Santos
Ingrid Rafaely Alves Saraiva
Lenilson de Góis Pereira
Lidiane Augusta de Souza
Ranielly Regina da Silva
Verenilson de Paiva Silva

DOI 10.22533/at.ed.90719020917

CAPÍTULO 18 164

OFICINA EDUCATIVA SOBRE MEDIDAS DE PREVENÇÃO DE INFECÇÃO DO TRATO URINÁRIO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Livia Alessandra Gomes Aroucha
Débora Letícia Silva Martins de Sousa
Ana Hélia de Lima Sardinha
Moisés Ferreira Serra
Josafá Barbosa Marins
Kalina Araújo Prazeres
Janaína Teixeira de Moraes
Luciane Sousa Pessoa Cardoso
Pabline Medeiros Verzaro
Alynne Radoyk Silva Lopes
Ana Rachel Damasceno de Sousa

DOI 10.22533/at.ed.90719020918

CAPÍTULO 19 173

OUTUBRO ROSA: UM OLHAR DIRECIONADO A SAÚDE DE MULHERES PRIVADAS DE LIBERDADE, UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Vinicius Costa Maia Monteiro
Isaac Newton Machado Bezerra
Edfrancy do Nascimento Silva Ferreira
Antônio de Pádua César Freire
Aline Erinete da Silva
Fernando Camanducao Sales Leite
Sabrina Soares dos Santos
Kerollainy Yorrany Mesquita de Sousa
Pablo Ramon da Silva Carvalho
Mônica Laís de Moraes
Maria da Conceição Lima Alves
Newton Chaves Nobre

DOI 10.22533/at.ed.90719020919

CAPÍTULO 20 175

PRÁTICAS INTEGRATIVAS NO HU-UFPI: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Danielle Tôrres de Sousa Rodrigues
Lígia Carvalho de Figueirêdo
Ana Carolina de Oliveira Carvalho
Ester Martins Carneiro
Bernardo Melo Neto
Maria da Conceição Costa Ferreira

DOI 10.22533/at.ed.90719020920

CAPÍTULO 21 183

PROJETO TERAPÊUTICO SINGULAR NO CONTEXTO HOSPITALAR PARA PACIENTES COM TRAUMA RAQUIMEDULAR (TRM): RELATO DE EXPERIÊNCIA

Natália de Jesus Sousa Cunha

DOI 10.22533/at.ed.90719020921

CAPÍTULO 22 189

RDC N. 20/2011 DA ANVISA: ADESÃO POR ESTABELECIMENTOS FARMACÊUTICOS DO MUNICÍPIO DE SÃO LUIS GONZAGA-MA

Erlenilce Oliveira de Sousa
Aldiane Rodrigues Miranda
Cintia Santos Dantas
Wellyson da Cunha Araújo Firmo

DOI 10.22533/at.ed.90719020922

CAPÍTULO 23 205

REALIDADE VIRTUAL NO PROCESSO DE REABILITAÇÃO NO PARKINSON

Anna Sofia Miranda Loiola Araujo
Jane Lane de Oliveira Sandes
Luan dos Santos Mendes
José Victor do Nascimento Lima
Lauanda da Rocha Rodrigues
Herika da Silva Souza
Vivhyan Rios de Lima Teles
Mariane de Oliveira Sandes
Rikelmy Santos Sales
Maria Gislene Santos Silva
Diva Aguiar Magalhães
Monara Kedma Gomes Nunes

DOI 10.22533/at.ed.90719020923

| | |
|---|------------|
| CAPÍTULO 24 | 219 |
| SÉRIE HISTÓRICA DA SAÚDE DA POPULAÇÃO DO ENTORNO DO COMPLEXO INDUSTRIAL E PORTUÁRIO DO PECÉM | |
| Sharmênia de Araújo Soares Nuto | |
| Thaynara Lima Saldanha | |
| Carlos Ronnye da Silva Evangelista | |
| Jessica Freitas e Silva | |
| Edenilo Baltazar Barreira Filho | |
| Roberto Wagner Júnior Freire de Freitas | |
| Anyá Pimentel Gomes Fernandes Vieira Meyer | |
| DOI 10.22533/at.ed.90719020924 | |
| CAPÍTULO 25 | 231 |
| SÍNDROME DE <i>BURNOUT</i> NA ENFERMAGEM | |
| Helba Batista Gonzaga Faria | |
| Elter Alves Faria | |
| Juliano de Andrade Melo | |
| André Ribeiro da Silva | |
| DOI 10.22533/at.ed.90719020925 | |
| CAPÍTULO 26 | 239 |
| SUBJETIVIDADE MATERNA: CASOS DE DEPRESSÃO PÓS PARTO ATENDIDOS NO SERVIÇO DE PSICOLOGIA APLICADA DA UFC SOBRAL | |
| Andriny Albuquerque Cunha | |
| DOI 10.22533/at.ed.90719020926 | |
| CAPÍTULO 27 | 250 |
| VER-SUS JUREMA E SUA INTERFACE COM A ESPIRITUALIDADE E SAÚDE: A ANCESTRALIDADE QUE CURA | |
| Vinicius Costa Maia Monteiro | |
| Isaac Newton Machado Bezerra | |
| Edfrancy do Nascimento Silva Ferreira | |
| Antônio de Pádua César Freire | |
| Aline Erinete da Silva | |
| Fernando Camanducaio Sales Leite | |
| Sabrina Soares dos Santos | |
| Kerollainy Yorrany Mesquita de Sousa | |
| Pablo Ramon da Silva Carvalho | |
| Mônica Laís de Moraes | |
| Maria da Conceição Lima Alves | |
| Newton Chaves Nobre | |
| DOI 10.22533/at.ed.90719020927 | |
| SOBRE O ORGANIZADOR | 252 |
| ÍNDICE REMISSIVO | 253 |

ERA UMA VEZ ... UM NOVO JEITO DE PROMOVER SAÚDE NA INFÂNCIA

Tayná Portilho Prado

Universidade Federal de Uberlândia – UFU
Faculdade de Psicologia. Uberlândia/MG

Ana Laura Batista

Universidade Federal de Uberlândia – UFU
Faculdade de Psicologia. Uberlândia/MG

Ana Paula Safons Schardosim Santos

Universidade do Planalto Catarinense – UNIPLAC
Faculdade de Psicologia. Lages/SC

Larissa Stenger Antunes

Universidade do Planalto Catarinense – UNIPLAC
Faculdade de Psicologia. Lages/SC

Eliane Regina Pereira

Universidade Federal de Uberlândia – UFU
Faculdade de Psicologia. Uberlândia/MG

Inea Giovana Silva-Arioli

Universidade do Planalto Catarinense – UNIPLAC
Faculdade de Psicologia. Lages/SC

RESUMO: Diante da necessidade de construir práticas que se configuram a partir das políticas públicas de saúde mental infanto-juvenil, a contação de histórias ganha espaços, constituindo um novo jeito de promover saúde na infância. Assim, este artigo propõe um diálogo entre duas experiências que compartilharam dessa atividade como guia, sendo que ambas investiram na contação de histórias enquanto recurso estético capaz de potencializar a

imaginação e a brincadeira em um grupo de crianças de 04 a 12 anos. A primeira experiência aconteceu em uma Unidade de Saúde em Minas Gerais, a segunda em um Grupo de Economia Solidária em Santa Catarina. Vale ressaltar que tais experiências possuíam objetivos e procedimentos específicos e até distintos entre si, o que acarreta em particularidades que permitem uma ampliação das possibilidades de reflexão e intervenção. Em nossas experiências não objetivávamos utilizar as histórias para repassar valores consolidados, mas contrariamente, para questionar e refletir sobre esses valores no cotidiano das crianças envolvidas, propiciando novos lugares de ser e estar no mundo.

PALAVRAS-CHAVES: Promoção de saúde, Potência de ação, Contação de histórias, Intervenção com grupo de crianças.

ABSTRACT: When facing the need to build practices that emerge from children and juvenile mental health public politics, storytelling gets some room, creating a new way to promote health in childhood. Thus, this paper proposes a dialogue between two experiences that shared this activity as a guide, knowing that both of them invested in storytelling as an aesthetic resource capable of enhancing imagination and playing, in a group of children which had from 04 to 12 years old. The first experiment took place

in a health unit in Minas Gerais, the second in a Solidarity Economy Group in Santa Catarina. It is noteworthy that such experiences had goals and specific procedures being even different from each other, which results in characteristics that allow an increasing of the possibilities for reflection and intervention. In our experiments we have not aimed at using the stories to pass consolidated values on, but on the contrary, with the intention to question and reflect on these values in the daily lives of the children involved, providing new places for being (in its broadest meaning) in the world.

KEYWORDS: Health promotion, Potency of action, Storytelling, Intervention in groups of children.

1 | INTRODUÇÃO

Este artigo propõe um diálogo entre duas experiências de promoção de saúde com crianças. Ambas as experiências investiram em “oficinas de contação de histórias” como recurso estético capaz de potencializar a imaginação e a brincadeira provendo saúde em um grupo de crianças de 04 a 12 anos.

A primeira experiência aconteceu em uma Unidade Básica de Saúde (UBS), em Uberlândia/MG, objetivando oportunizar as crianças, usuárias do serviço, um espaço de promoção de saúde articulado com relações estéticas.

A segunda experiência ocorreu em um Centro de Desenvolvimento Comunitário Solidário de um bairro com alto índice de vulnerabilidade na cidade de Lages/SC, com a pretensão de possibilitar através da contação de histórias, dinâmicas e reflexões, um mundo de descobertas relacionando-as com a história de vida de cada criança, promovendo saúde e contribuindo com o desenvolvimento integral.

2 | APROXIMAÇÕES TEÓRICAS

Um dos nós críticos da atenção à saúde é a possibilidade de supri-la sob a perspectiva da integralidade, que remete para a escuta, a compreensão das demandas e o atendimento das necessidades dos grupos e comunidades de forma ampliada, implicando em uma nova forma de conceber o cuidado em saúde. Esse conceito se situa enquanto conjunto articulado e contínuo de ações de promoção de saúde, prevenção de doenças, cura e reabilitação, tanto individuais quanto coletivas (MACHADO, MONTEIRO, QUEIROZ, VIEIRA & BARROSO, 2007).

O atendimento integral a crianças e adolescentes configura-se um dos grandes desafios em saúde, isto porque até recentemente o setor público de atenção à saúde, não acolhia suas queixas. A lacuna deixada pelo setor público abriu espaços a uma série de organizações que passaram a “assistir e proteger” a criança, a partir de queixas ofertadas pelos adultos “responsáveis”, de modo que a criança não era ouvida, uma vez que não era entendida como sujeito de direitos, responsável por sua demanda e sofrimento.

O Ministério da Saúde apresentou em 2005 sua política para a saúde mental infanto-juvenil que prevê a Atenção Básica como porta de entrada de uma rede de atenção à criança, seguindo um modelo de acolhimento universal, em que “toda demanda dirigida ao serviço de saúde do território, deve ser acolhida, isto é, recebida, ouvida e respondida” (BRASIL, 2005, p.12). Os serviços de saúde tem acolhido a demanda infantil, mas sabem que os esforços são insuficientes para o acolhimento universal e encaminhamento implicado.

É dentro desse contexto que o grupo evidencia-se como uma potente metodologia de acolhimento de demandas, que oportuniza novos arranjos na significação das singularidades, uma arena onde os sujeitos expressam, vivenciam e negociam suas necessidades. O “ouvir” o outro, a percepção de diferentes olhares para o mesmo fenômeno, possibilita ampliar a capacidade de significar a própria experiência, e é nesse contexto que a criança pode resignificar seu lugar no mundo, ampliando suas possibilidades.

3 | PROMOÇÃO DE SAÚDE

Existem vários modos de significar a promoção de saúde, utiliza-se neste artigo a perspectiva epistemológica de saúde como um direito e um bem comum, desse modo, implica priorizar a reorientação dos serviços de saúde, o fortalecimento comunitário e a potencialização individual e coletiva. Esta perspectiva reconhece a complexidade dos fatores micro e macrossociais, pauta-se nas práticas que buscam a transformação, a reflexão crítica, a equidade e o fortalecimento individual e comunitário (CARVALHO, 2010; RABELLO, 2010).

As ações que promovem saúde evidenciam-se como o resultado de um processo que engloba a potencialização das capacidades dos indivíduos e coletivos, buscando intervir não somente no âmbito das ações do Estado, mas também na singularidade e autonomia dos sujeitos. (SANTOS, DA ROS, CREPALDI, & RAMOS, 2006). Nessa perspectiva, os problemas de saúde são compreendidos como demandas de abordagens inovadoras e complexas, e os processos decisórios são pautados pelas subjetividades individuais e coletivas dos atores nos espaços do cotidiano. Essa valorização do conhecimento popular e da participação social está na base da promoção de saúde nessa perspectiva (CZERESNIA, 2009).

A Política Nacional de Promoção de Saúde indica que “a produção de saúde torna-se indissociável da produção de subjetividades mais ativas, críticas, envolvidas e solidárias” (BRASIL, 2006, p. 16). Este cenário indica a importância da potencialização dos sujeitos nas experiências de promoção de saúde, pois a participação social está diretamente vinculada ao processo de construção de sujeitos ativos e solidários, o que implica no estímulo a criatividade e ao desenvolvimento da reflexão, aspectos priorizados nas experiências de contação de histórias relatadas

neste artigo.

No entanto, o fomento a participação social e a construção de subjetividades mais reflexivas ainda não é a prática predominante no SUS. Silva-Arioli (2012), ao analisar a Atenção Básica, aponta para a dificuldade, de parte dos profissionais, em estabelecerem relações emancipadoras com a população e de assumir uma postura mais dialógica. Essa situação se configura em um dos obstáculos à realização da promoção de saúde nesses espaços, pela falta de fomento à participação da população e pela dimensão educativa das atitudes dos profissionais, que em muitos momentos mostra-se verticalizada.

As experiências que incitam relações horizontais, pautadas no diálogo e nas atividades lúdicas e estéticas configuram-se em um novo arranjo promotor de saúde, pois fornece a oportunidade de buscar um lugar mais saudável e flexível no cotidiano, propiciando às crianças um lugar de inovação. Parte-se do pressuposto que o sujeito deve ser percebido em sua autonomia e em seu contexto cultural na busca de superação do instituído, rumo à produção de novos recursos e modos de vida instituintes de saúde. A prática, portanto, deve ser transformadora e pautada no diálogo.

Promover saúde é lutar pela melhoria da qualidade de vida e, nesse sentido, deve propiciar a ruptura com velhas formas de pensar e fazer saúde, fornecendo os elementos de transformação do *status quo* e dos sujeitos envolvidos (CARVALHO, 2010). Essa visão ampliada da promoção de saúde abarca fatores tão amplos como a própria vida, fato que pode conduzir a dificuldades de transformar um discurso inovador em prática concreta, mostrando-se em muitos momentos pouco capaz de prover os meios e estratégias de intervenção, evidenciando-se um desafio à construção de práticas que estabeleçam novas relações com os conhecimentos científicos produzidos (CZERESNIA, 2009).

A partir deste cenário é possível perceber que os trabalhos aqui descritos configuram-se em uma forma inovadora de promover saúde, que tem no estímulo a reflexão e a criatividade seu ponto de partida e que propicia para as crianças, estagiários e professores envolvidos, um experimentar de novos lugares, na busca por uma vida com mais saúde em seu sentido ampliado.

4 | AS EXPERIÊNCIAS: O CAMINHO E A VIVÊNCIA

As duas experiências que dialogaram neste artigo, possuem objetivos e procedimentos específicos e até distintos entre si, além de efetivamente ocorrerem em espaços diferentes, o que acarreta em particularidades que precisam ser destacadas. Mas ambas trouxeram como perspectiva a possibilidade de promover saúde na infância a partir da contação de histórias, potencializando os sujeitos uma vez que estimula a imaginação e a brincadeira.

A escolha dos fragmentos aqui apresentados revela os afetos experienciados

na condição de estagiários-contadores de histórias e professores-supervisores.

4.1 A primeira experiência – “Contando histórias e (re) construindo relações”

O projeto de extensão “Contando histórias e (re) construindo relações” foi coordenado por duas estagiárias do curso de psicologia. Foi ofertado um espaço de atendimento em grupo para crianças com idade entre 07 e 12 anos em uma Unidade Básica de Saúde (UBS) na cidade de Uberlândia-MG. Nessa UBS, as atividades grupais não eram preferência para o atendimento psicológico, de modo que as duas psicólogas responsáveis pelos atendimentos de crianças, adolescentes e adultos, ocupavam-se de atendimentos individuais. Buscou-se oferecer nesse espaço uma intervenção em grupos com crianças a partir da demanda existente, criando parceria com a equipe. Para isso, foi necessário conhecer os serviços oferecidos e apresentar o projeto para a psicóloga infantil, as assistentes sociais, enfermeiras, pediatras e coordenadores do serviço, a fim de que fossem realizados os encaminhamentos necessários para nossa atividade.

Completada esta etapa, iniciou-se um “experenciado” do território, conhecendo o bairro e apresentando a proposta do grupo à associação de moradores, à Igreja do bairro, e em duas escolas públicas. Foram utilizados cartazes e panfletos para divulgação, entretanto, verificou-se a necessidade de um convite mais atrativo para o público infantil, assim, preparou-se uma intervenção com bexigas e balas e foi realizada uma brincadeira no intervalo de aula, em uma das escolas do bairro.

Os encontros aconteceram semanalmente de março de 2012 a fevereiro de 2013, caracterizando-se como aberto, de modo que as crianças participavam livremente, não precisando de inscrições prévias, nem de cobranças com presenças e faltas. A cada nova semana novas crianças realizavam as atividades propostas, assim, os encontros eram únicos, não sendo amarrados a atividades anteriores.

Os encontros tinham 3 horas de duração, coordenados alternadamente a cada semana por uma estagiária da dupla e, sempre divididos em três momentos: A contação de histórias – eram selecionadas histórias que pudessem oferecer as crianças uma abertura para a criação; A produção – eram ofertado as crianças materiais diversos, colagem, pintura, massa de modelar, argila, desenho, artesanato com materiais recicláveis, maquete, música, construção de história, imagens, etc., e com esses materiais elas produziam suas compreensões das histórias; O compartilhar – na finalização dos encontros era compartilhado as produções, proporcionando um momento de reflexão. Os três momentos dos encontros foram sempre atravessados por conversas instigantes e questionadoras, propiciando reflexões sobre as histórias e as vidas das crianças. Foram realizados mais de 24 encontros com um número variável de crianças sendo que, três destas crianças, compareceram a todos.

Inicialmente, a coordenação da UBS ofereceu para realização do grupo, uma pequena sala de coleta de sangue que permitia pouca mobilidade e, após quatro encontros, as atividades foram transferidas para o espaço atrás do estacionamento

da Unidade, aberto, amplo, gramado e cheio de descobertas. Neste novo espaço, inicialmente era aberta a caixa de materiais sobre um tapete, organizado um círculo e iniciado a oficina de contação de histórias.

As cenas aqui apresentadas são recortes de diferentes encontros, onde Bernardo (Nome fictício) estabelece relações com as outras crianças do grupo e com o contexto da oficina de contação de histórias. Bernardo foi selecionado para as análises por participar de todos os encontros. Destacamos tais cenas, na intenção de aproximar o leitor da experiência vivenciada e de favorecer a compreensão da relação estabelecida entre contação de histórias e promoção de saúde.

4.2 As cenas

A expressão reta não sonha.

Não use o traço acostumado.

A força de um artista vem de suas derrotas

Só a alma atormentada pode trazer para a voz um formato de pássaro

Arte não tem pensa

O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê

É preciso transver o mundo (...).

MANOEL DE BARROS

Os primeiros encontros com as crianças foram de descobertas, sobre como conduzir um grupo, o que oferecer e o que esperar dele. Após cada encontro era discutido em supervisão e decidido a história da semana seguinte a partir de alguma situação vivida.

No *segundo encontro*, Bernardo, sete anos, aparece de forma contundente. Logo que chegou ao grupo mostrou-se inquieto, jogando massinha pra cima, subindo na maca e nas cadeiras, demonstrando interesse em pular a janela, mexendo em tudo. As outras crianças que participavam deste encontro logo o nomearam de “custoso” (expressão utilizada na região para nomear criança “agitada e/ou teimosa”). Ao final das atividades, uma menina disse: “Eu só venho na semana que vem se ele [Bernardo] não vier!” (sic).

Assim como todas as crianças do grupo, as estagiárias também ficaram incomodadas com sua inquietude. Em supervisão, foi traçado um objetivo para com Bernardo, ofertar a ele um novo lugar, um novo modo de se nomear, se perceber. Escolheu-se para o terceiro encontro o tema desobediência e contamos a História de Rataplã, o coelho desobediente. Durante a contação da história Bernardo contou que era desobediente com a mãe, com a avó e o avô, contou ainda que não era preguiçoso, mas muito corajoso e, portanto, não acreditava que alguma coisa ruim pudesse acontecer caso desobedecesse. Suas ações no grupo, neste encontro, não foram diferentes do primeiro, mostrou-se inquieto e, durante as atividades após a

contação, uma das meninas, disse que Bernardo deveria ser “louco”.

Ao final do encontro existia a certeza de que as estagiárias foram ‘atravessadas’ por Bernardo. Sua inquietude surgia somada a capacidade de leitura, aos pedidos de “por favor” para usar o material da caixa, a não desistência quando parte de sua atividade fora por ele mesmo rasgada. O menino custoso, teimoso, levado, era também inteligente, educado e persistente.

No *quarto encontro* ingressou Felipe, irmão de uma menina do grupo. Este encontro foi difícil de conduzir. Bernardo não conseguia prestar atenção e executava as atividades com rapidez. Felipe, incomodado e sendo a criança mais velha do grupo, decidiu repreendê-lo e, por várias vezes, segurou Bernardo para que este ficasse parado. As atitudes de Felipe incomodavam Bernardo que ficava mais e mais agitado. Felipe, também se mostrou intolerante com a irmã, riu várias vezes da produção dela, gerando discussão em tom agressivo entre os dois. As intervenções visavam ofertar um espaço de expressão das emoções e sensações construídas nesses encontros, e a postura de Felipe, coercitiva e limitante, exigia das outras crianças uma maturidade que nem ele mesmo tinha.

No *quinto encontro* contou-se a história “As Duas Rãs”, em que uma era preguiçosa e a outra alegre e corajosa. A contação fora o tempo todo interrompida por Felipe e Bernardo. Enquanto Felipe imediatamente se diz “rã preguiçosa”, Bernardo afirmava que ele era a “rã esperta e corajosa”. Iniciamos no grupo uma discussão sobre qualidades e defeitos e reafirmamos o lugar escolhido por Bernardo, lembrando a todos, os momentos em que ele demonstrou coragem e alegria no grupo. A atividade proposta neste encontro foi argila e, antes mesmo do manuseio algumas crianças alegaram “não sei fazer”. Bernardo se envolveu com a atividade, mas logo trocou a argila por papel e lápis.

As supervisões e as atividades propostas objetivavam construir novo lugar de significação para Bernardo, um lugar de menor agressividade para Felipe, descobrindo com eles novos modos de se relacionarem.

No *oitavo encontro*, após a história e as atividades, foi iniciada uma brincadeira no pátio da UBS. Bernardo subiu em um cupinzeiro e começou a pular. Felipe, imediatamente destacou a coragem de Bernardo e passou a nomeá-lo como “Super-Bernardo”. Logo, todas as crianças envolvidas na atividade, passaram a admirar Bernardo e tratá-lo como “super” e não mais como o custoso Bernardo. Ao final do encontro, havia a certeza de um trabalho sendo iniciado. A promoção de saúde estava vinculada, naquele caso específico, ao auxílio na conquistar de um novo lugar para Bernardo, que estava mais atento nas atividades dirigidas. Felipe, por outro lado, conquistava um novo modo de se comportar com as crianças, sem agredir Bernardo, ao contrário, passou a admirá-lo.

No *décimo sexto encontro* nossa atividade de contação de histórias fora interrompida pelos pedreiros de uma obra que estava sendo executada na UBS. Um dos pedreiros entregou a Bernardo um filhote de pombo machucado. O menino se

entusiasmou com a possibilidade de pegá-lo e, nesse momento, o pedreiro disse que ele era muito corajoso. Bernardo ficou com uma felicidade evidente e contava a todos o que acabara de acontecer. A estagiária-coordenadora reafirma a fala do pedreiro, ofertando, mais uma vez, esse lugar que se distancia da exclusão e estigmatização tão presentes em sua vida através de falas da escola e da família. Após a contação, sugerimos uma atividade com desenho e pintura. Bernardo executa com calma a atividade e ao apresentá-la ao grupo, “se elogia” e admira seu próprio trabalho.

No *décimo sétimo encontro* nossa atividade prática foi a confecção de caleidoscópios. Neste dia, Bernardo se envolveu com a atividade, fez todos os passos com agilidade e foi o primeiro a terminar. Não demonstrou nenhuma agitação capaz de atrapalhar a execução da tarefa, apenas mostrou interesse em decorar o caleidoscópio, mas com paciência esperou o momento de fazê-lo.

Nessa experiência, ilustrada nos recortes das cenas relatadas, ofertou-se aos participantes do grupo um espaço de experiência estética, sendo que, por estética, entendemos uma possibilidade de o sujeito se expor encantadamente no mundo, se apropriando de forma sensível de suas relações, bem como de seu contexto, superando-os. Isso resulta em uma nova visão de mundo, mais potente, já que ela possibilita o exercício de “transver”, como nos propõe Manoel de Barros. Por se tratar de uma abertura à experiência, ela só será possível a partir do desbloqueio de sentidos e, dessa forma, apresenta-se com caráter de imprevisibilidade podendo acontecer de várias formas e em diferentes relações. Assim, tentamos entender como se deram essas experiências estéticas a partir da atividade de contação de histórias em cada momento do encontro.

A contação de histórias perpassa todo o encontro e se configura de diferentes formas no decorrer deste, sendo que a história a ser contada é pensada anteriormente, mas acaba por ser construída no momento da própria contação, uma vez que convidamos os sujeitos participantes do encontro a intervirem ativamente nesse processo falando de si, enquanto falam da história.

Desse modo, a contação se constitui enquanto possibilidade de abertura para os caminhos vários que ela pode tomar em sua narrativa, fugindo da visão de fechamento moral comum às histórias infantis. Diante disso, ressaltamos o caráter criador dessa atividade e que, passa a ser compreendida, segundo Vigotski (1999), como a possibilidade de compor o “novo” a partir de elementos do cotidiano e, desse modo, o novo passa a ser uma (re) combinação. Nas oficinas de contação de histórias procuramos, através de cada história e dos recursos oferecidos, apresentar novas possibilidades, novos modos de “ser sujeito” no mundo, ofertando aos sujeitos do grupo, novas possibilidades de respostas, comportamentos, pensamentos e relações, tendo assim, novas opções em suas vidas.

Em todo o momento os sujeitos são convidados a (re)contarem a história através de diferentes formas e linguagens: teatro, pintura corporal, cartaz, desenhos, massinha, argila, etc, Verifica-se claramente, nesse momento, a abertura para o

inesperado, uma vez que a atividade sugerida ganha novos contornos a partir da significação feita pelos participantes, muitas vezes nos surpreendendo.

4.3 A segunda experiência – “Contos e Causos”

“... As possibilidades de agir com liberdade, que surgem na consciência do homem, estão estreitamente ligadas à imaginação, ou seja, a tão peculiar disposição da consciência acerca da realidade, que surge graças à atividade da imaginação” VYGOTSKY.

O Projeto Contos & Causos, foi desenvolvido por duas estagiárias do curso de Psicologia, que realizaram encontros de crianças com idade entre 04 e 12 anos, em uma comunidade da cidade de Lages-SC, vinculado ao Grupo de Economia Solidária Art’Mulher. Os grupos de economia solidária tem se disseminado enquanto uma possibilidade de sobrevivência dos excluídos do mercado formal de trabalho e manifesta-se sob diferentes formas de organização, pautadas nos princípios da prática da autogestão e caracterizada por tomadas de decisão mais democráticas, relações sociais de cooperação e horizontalidade nas relações entre os sujeitos (COUTINHO, BEIRAS, PICININ & LUCKMANN, 2005). Portanto, o grupo “Contos e Causos” se pautou nesses pressupostos como balizadores de suas atividades, compreendendo a criança como sujeito histórico, que constrói seu conhecimento na relação com o outro e com o meio.

Na sociedade moderna a ideologia dominante contribui para difusão, na população vulnerável, de uma imagem negativa do sujeito sobre si mesmo e os outros, pois se sustenta em determinado padrão de relacionamento social que se estabelece com base em estereótipos. Partimos de uma compreensão do social não apenas como limitação que se impõe ao indivíduo, mas como possibilidade deste constituir sua individualidade/coletividade, “autoconstrução do homem pelo homem” e que reconhece, no próprio sujeito, a capacidade de modificar a realidade posta (FILHO & GUZZO, 2009).

Os encontros aqui relatados aconteceram por meio de oficinas de recreação, criação e contação de histórias, discussões de filmes, dinâmicas e trabalhos com sucata. O oferecimento do grupo partiu da demanda existente na comunidade, onde praticamente inexistem atividades voltadas para as crianças e adolescentes, na busca de espaços que aproximassem o Grupo de Economia Solidária e a comunidade onde estava inserido. Essa demanda foi reconhecida por meio das visitas domiciliares realizadas pelas estagiárias, juntamente com a psicóloga envolvida no projeto e a coordenadora/mediadora do Grupo de Economia Solidária, realizado por aproximadamente quatro meses antes de iniciar o primeiro encontro.

A atividade do grupo era aberta, ou seja, as crianças puderam ingressar ou desobrigar-se de participar a qualquer momento, no entanto algumas dessas crianças permanecem assíduas durante todos os encontros e outras participam esporadicamente. Os encontros aconteciam nos dois últimos sábados de cada mês (de agosto à novembro de 2012), totalizando nove encontros com duração de aproximadamente 3 horas. Durante as atividades, as estagiárias incentivavam a expressão das ideias, emoções e sensações dos participantes, propiciando a troca de experiências e reflexão sobre o que fora partilhado.

No *primeiro encontro*- estavam presentes vinte e cinco (25) crianças. Inicialmente, todo o grupo se apresentou, e foi interessante perceber que, apesar de não conhecerem as estagiárias, todas falaram sem mostrar-se envergonhadas. Após, discorreu-se sobre as atividades para aquele primeiro dia: duas histórias e o momento do tesouro.

A primeira história era do patinho que tentava falar como os animais de outras espécies, mas não conseguia. Depois da história, debatemos com as crianças as possibilidades de comunicação e refletimos sobre as singularidades e dificuldades de algumas crianças que se identificaram com a problemática vivida pelo patinho. A segunda história era da menina do laço de fita, que se tratava de uma menina muito bonita que tinha a cor de pele negra igual a da sua mãe. No decorrer do conto, a menina acabava encontrando um coelhinho bem branquinho que daria tudo para ter a pele escura igual a da menina. A partir dessa história foi possível refletir as diferenças entre as pessoas, principalmente as que estavam presentes naquele momento no grupo.

Abramovich (2002) fala que a contação de histórias provoca prazer, instiga a imaginação e o poder de observação, além de ampliar as experiências e estabelecer a ligação entre a fantasia e a realidade. O contar histórias é uma possibilidade de descobrir o mundo imenso de conflitos, dos impasses, das soluções, que todos atravessam e vivem, de um jeito ou de outro, através de problemas que vão sendo apresentados pelos personagens (ou não), resolvidos (ou não) a cada história.

Para finalizar o primeiro encontro, realizou-se a dinâmica do baú do tesouro. Foi solicitado às crianças que uma de cada vez fosse até uma caixa forrada e abrisse para ver o tesouro que nela estava e que não contasse a ninguém o que tinha encontrado. Dentro da caixa havia um espelho, de maneira que quando a criança abrisse a caixa, via-se refletido. Foi significativo perceber as diferentes reações de cada criança diante do espelho. Esta dinâmica teve o objetivo de discutir as emoções vivenciadas e a percepção que cada criança tem de si mesma.

O *terceiro encontro*- nesse dia foi contada a história do Sr. Ratinho para as vinte (20) crianças presentes. Esse ratinho era muito respeitoso, quando fazia algo que magoasse, pedia desculpas e mostrava-se agradecido quando recebia algo de bom, além de pedir licença e falar 'por favor'. Esta história teve como intuito estimular a reflexão sobre o respeito e a reciprocidade nas relações, no entanto a reflexão

posterior, em supervisão, evidenciou que, apesar de propiciar uma discussão sobre o respeito nas relações, incorremos no risco de “reproduzir” convenções sociais como as mais saudáveis, situação que se configura em contraponto de nossa proposta.

O *quarto encontro* - contou com a presença de dezesseis (16) crianças e foi realizada uma sessão de cinema, na qual passamos para as crianças o filme: O mágico de OZ. Após o filme, e a partir dele, foi possível levantar questionamentos sobre as percepções das crianças no que se refere aos pontos fracos e aos pontos fortes de cada personagem, refletir acerca dos sentimentos, emoções e dificuldades dos integrantes do grupo, que podia ter alguma semelhança ou não com as dos personagens do filme; fazendo um paralelo com o cotidiano das crianças. Partindo dos temas levantados pelo filme, discutindo sobre amizade, companheirismo, medo, coragem e cooperação.

Um dos personagens do referido filme chamou a atenção das crianças: o espantalho. Esse interesse despertado pelo personagem aliado ao projeto da Horta Comunitária do bairro (em fase de elaboração) foi um campo fértil para provocar os presentes. Perguntamos às crianças a opinião delas sobre a confecção coletiva de um espantalho, para que fosse colocado na horta do Centro Comunitário, e mais tarde, quando a Horta Comunitária estiver pronta, ser transferido para lá. Elas adoraram a ideia e assim dividimos o material, sendo que cada integrante do grupo ficou encarregado de trazer um material ou objeto (a maior parte deles reciclado) para fazermos o espantalho no nosso próximo encontro.

O *quinto encontro* - nesse dia o grupo de crianças e adolescente, dezoito (18) ao todo, construiu o espantalho, para colocá-lo a “cuidar” da horta do Centro Comunitário. Dividimos as crianças em dois grupos, sendo um responsável pela cabeça do espantalho e o outro pelo corpo. As crianças estavam bem concentradas e empolgadas com a atividade. Quando o espantalho ficou pronto era necessário dar um nome a ele, realizou-se então uma rodada de sugestões, seguida de uma votação para escolher um nome. Entre os votados estavam: Estive, Cuidador da Horta, Jorge, Peter, entre outros, porém, o escolhido foi Jorge.

Após colocarmos Jorge na horta, foi realizada uma dinâmica que denominamos de “tenda dos sabores”. Colocou-se em um dos cantos da sala uma mesa composta de vários recipientes cheios de frutas, verduras e legumes cortados em pequenos pedaços e solicitou-se que cada integrante do grupo fosse, individualmente e de olhos vendados, até a tenda dos sabores onde experimentaria o sabor dos alimentos oferecidos, tentando identificá-lo. Alguns alimentos já haviam sido provados pela maioria dos participantes e foi fácil identificar, e outros, a grande maioria do grupo não conhecia o sabor. Esta dinâmica teve o intuito de evidenciar que o novo nem sempre é ruim, que experimentar é um aspecto importante da vida e que nem todos os legumes, verduras ou frutas que aparentam ter gosto ruim realmente não são saborosos.

O objetivo era discutir a alimentação de forma lúdica, prazerosa e vinculada

a um projeto da comunidade, a Horta Comunitária. Muitos discursos e práticas de promoção de saúde focalizam um estilo de vida saudável, onde as de estratégias de prevenção são percebidas como sinônimas de promoção de saúde, desperdiçando ações que podem contribuir na emancipação da população e na busca coletiva para o enfrentamento dos problemas. Nossa intenção não era prescrever a alimentação correta ou vigiar os hábitos que cada um deveria ter, mas experimentar novos lugares e sabores, vinculando esse prazer em experimentar a um projeto desenvolvido pela própria comunidade.

O *sétimo encontro* - este encontro transcorreu abaixo de muita chuva e estavam presentes doze (12) crianças. Realizou-se uma oficina recreativa composta por jogos e um show de talentos, a fim de proporcionar um momento de lazer, utilizar o lúdico como forma de expressão de sentimentos e evidenciar que todas as pessoas são potentes.

Os jogos estimulavam o raciocínio lógico, a imaginação e a coordenação motora e propiciaram momentos de muitas risadas, lazer, prazer e criação. Após, sugeriu-se às crianças que mostrassem para o grupo habilidades ou atividades que sabiam fazer e que tinham prazer em partilhar, por meio de um “show de talentos”. Todos os presentes realizaram várias atividades, como contar piadas, jogar capoeira, cantar músicas e fazer magia evidenciando suas potencialidades e partilhando com o grupo suas experiências.

O *oitavo encontro* - estavam presentes quinze (15) crianças e nesse dia realizou-se uma rodada de contação de histórias (algumas de terror) conhecidas ou inventadas pelas crianças, seguida da confecção de um “monstrinho” de argila. Esta atividade objetivou estimular a imaginação e a criação e possibilitar a expressão da criatividade por meio de algo concreto, objetivando sua criação.

Iniciamos a atividade contando uma história e logo após todos os presentes contaram suas histórias, que abarcavam histórias conhecidas, mas também inventaram várias histórias com dragões, bruxas, lobos e cucas. Após as histórias que foram contadas, provocamos novamente a criação e a imaginação das crianças, por meio de atividades concretas e passíveis da visualização de todos. Entregamos à elas argila, pedimos que cada uma criasse o seu próprio monstrinho e disponibilizou-se tinta guache, caso quisessem pintá-lo, após o término da confecção de seus “monstros”, as crianças criaram para cada monstro uma história, que seria partilhada com os demais.

Esse momento possibilitou a expressão de suas vivências e o compartilhamento com o grupo de suas potencialidades e dificuldades, demonstrando criatividade e lógica na sequência de suas histórias inventadas, onde por meio do lúdico puderam expressar seus sentimentos e a maneira como enfrentam seus obstáculos.

Zilbermann (2003) explicita que ouvir e contar histórias desenvolve todo o potencial crítico da criança, faz pensar, duvidar, se perguntar e questionar. Faz sentir-se inquieto, cutucado, querendo saber mais e melhor percebendo que se

pode mudar de ideia. Nesse sentido, podemos afirmar que ouvir e contar histórias desenvolve a capacidade reflexiva das crianças.

O contato com as crianças e com realidade da comunidade contribuiu para a ampliação do nosso olhar sobre a importância do contexto social e cultural para constituição dos sujeitos, que pudemos visualizar além da teoria. A indissociabilidade da teoria e prática e os aspectos surpreendentes nas atividades desenvolvidas (onde era necessário ter sempre a popular “carta na manga”) evidenciaram-se verdadeiros desafios, e em alguns encontros planejou-se atividades com inúmeras dificuldades para sua condução.

A construção do grupo foi coletiva e muitas sugestões de atividades emergiram de seus integrantes ao longo dos encontros, sendo imprescindível que se considere a importância desse aspecto nos trabalhos desenvolvidos com grupos. Outro aspecto relevante é que as atividades que mais envolveram as crianças foram aquelas em que conseguiram desempenhar alguma atividade prática e concreta, aliadas a atividades reflexivas.

O objetivo maior do grupo “Contos & Causos” foi oferecer um espaço de lazer e de trocas significativas, configurando-se em uma vivência estética que teve como mediador a contação de histórias e potencializou a ampliação das possibilidades de “ser” das crianças envolvidas, contribuindo no processo incessante de constituição dos sujeitos. Cabe ressaltar que por constituição entendemos o processo de construção de si, por meio da apropriação do contexto, um “eu” que é eternamente inacabado, constituído nas relações dialéticas e dialógicas que este sujeito estabelece com o social.

Ofertou-se experiências embebidas em afetividade, criatividade e decisões mediadas pelo grupo, propiciando a potencialização da criação e expressão, produzindo lugares mais criativos para “ser no mundo”.

Segundo Sawaia (2007) para atingir a autonomia é necessário desenvolver a criatividade e a imaginação, sendo que toda força criadora encerra elementos afetivos. Essa autora, citando Vigotski e resgatando Lane, aponta que a arte é a expressão da energia criativa que impulsiona a mudança pela criação do novo e, todo ser humano, não só os que superaram a luta pela sobrevivência, tem o direito a ter necessidades elevadas como a do belo, tão fundamental quanto o alimento para se manter vivo.

5 | CONTANDO HISTÓRIAS E PROMOVEDO SAÚDE

Podem estes espaços de contação de histórias serem promotores de saúde? O que sustentaria essa certeza? O que há nessas intervenções capaz de potencializar as crianças vinculadas a elas?

Compreende-se a produção de saúde como sinônima de potencialização

de indivíduos e coletivos para viver a vida com felicidade e liberdade, de maneira emancipada.

Segundo Sawaia (2007) é necessário imaginação e sensibilidade estética para manter viva a capacidade de afetar e ser afetado, nesse sentido é preciso pensar em novas formas de (inter)subjetividades e para tanto, em novas formas de atividade, pois é nela que as subjetividades são modeladas e plasmadas.

Defende-se que a “oficina de contação de histórias” é um espaço de vivência estética que medeia as ações das crianças. Ela promove o estranhamento com o cotidiano e, conseqüentemente, uma ruptura. Por tudo isso, o produto final, não se constitui necessariamente como algo inovador, mas é, essencialmente, a objetivação de um processo de produção, e revela um sujeito que, objetiva sua ação, que não representa sua totalidade, mas o constitui.

Os sujeitos utilizaram a “oficina de contação de histórias” como espaço de expressão de seus sentimentos e emoções, falando de suas famílias, da escola, das possibilidades e impossibilidades vivenciadas nestes dois contextos e assim, destacando o lugar social que ocupam. Vigotski (1999) afirma que a reação estética possibilita que emoções angustiantes e desagradáveis sejam submetidas a uma descarga, a uma complexa transformação dos sentimentos, o que se pode perceber no momento em que compartilham a atividade do dia.

Com bem define Sawaia (1995) a partir de Espinosa, existir é ser **potência**. Ou seja, em existindo, o sujeito dispõe seu corpo ao contato com outros corpos e nesse contato o corpo humano é afetado pelos corpos exteriores de um grande número de maneiras. O encontro com o outro pode resultar numa paixão triste que diminui a potência do corpo, pois retira dele as condições de reagir, uma vez que são encontros perversos que enfraquecem o sujeito; ou podem resultar numa paixão alegre, que aumenta a potência do corpo, imprimindo nele a liberdade de ação, ativando-o em direção ao devir.

Mas como organizar um grupo de promoção de saúde com crianças? Como fazer desse grupo uma experiência estética?

Vigotski (2008) escreve que a brincadeira promove o desenvolvimento da criança, ela proporciona saltos qualitativos na formação dos processos psicológicos complexos. Segundo o autor, “... a brincadeira com situação imaginária é algo essencialmente novo, (...) é um novo tipo de comportamento, cuja essência encontra-se no fato de que a atividade, na situação imaginária, liberta a criança das amarras situacionais”. (VIGOSTKI, 2008, p.7)

Como bem explica Prestes (s/d), com base em Vigotski, a brincadeira imaginária é uma “atividade guia” uma vez que com ela a criança aprende e se desenvolve. Desenvolve seu pensamento abstrato, aprende regras, ela guia o desenvolvimento psicológico gerando novas formações, as formas psicológicas complexas. Nos encontros, as crianças se apropriam da reflexão sobre suas vidas tendo como mediação a afetividade, possibilitando que transcendam as condições existentes. A

afetividade mostra-se mediadora da contação de histórias, sendo linguagem afetivo-reflexiva promotora de possibilidades criativas.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, F. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 2002.

BRASIL. **Caminhos para uma política de saúde mental Infanto-Juvenil**. Ministério da saúde. Brasília/DF: Editora MS, 2005.

BRASIL. **Política Nacional de Promoção da Saúde**. Brasília: Ministério da Saúde. Sec. de Vigilância em Saúde - Sec. de Atenção à Saúde. Brasília/DF: Editora MS, 2006.

BUSS, P. M.. Uma introdução ao conceito de promoção da saúde. In: CZERESNIA, D.. & FREITAS, C. M. (Org.). **Promoção da Saúde: conceitos, reflexões, tendências**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2009.

CARVALHO, S. R. **Saúde Coletiva e Promoção da Saúde: sujeito e mudança**. 3ª Ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

COUTINHO, M.C., BEIRAS, A., PICININ, D., & LUCKMANN, G.L.. Novos caminhos, cooperação e solidariedade: a Psicologia em Empreendimentos solidários. **Psicologia & Sociedade**; 17 (1): 17-28; jan/abr, 2005.

CZERESNIA, D.. O conceito de saúde e a diferença entre prevenção e promoção. In: CZERESNIA, D. & FREITAS, C. M. (Org.). **Promoção da Saúde: conceitos, reflexões, tendências**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2009.

FILHO, A. E. e GUZZO, R. S. L.. Desigualdade social e pobreza: contexto de vida e de sobrevivência. **Psicologia & Sociedade**; 21 (1): 35-44, 2009.

MACHADO, M. de F. A. S., MONTEIRO, E. M. L. M., QUEIROZ, D. T., VIEIRA, N. F. C. & BARROSO, M. G. T. Integralidade, formação de saúde, educação em saúde e as propostas do SUS- uma revisão conceitual. **Ciência & Saúde Coletiva**, 12(2), 335-342, 2007.

RABELLO, L. S. **Promoção da Saúde: a construção social de um conceito em perspectiva comparada**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2010.

SANTOS, L. M. dos, DA ROS, M. A., CREPALDI, M. A. & RAMOS, L. R.. Grupos de promoção à saúde no desenvolvimento da autonomia, condições de vida e saúde. **Revista Saúde Pública**, 40(2), 346-52, 2006.

SILVA-ARIOLI, I. G. **Práticas e estilos de pensamento em Promoção de Saúde no contexto da Atenção Básica**. Florianópolis, 190 p. Dissertação de Mestrado em Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, 2012.

SAWAIA, B.B.. Dimensão ético-afetiva do adoecer da classe trabalhadora. In: SAWAIA, B.B.. **Novas veredas da psicologia social**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1995.

SAWAIA, B.B.. Comunidade como Ética e Estética de Existência: Uma reflexão mediada pelo conceito de Identidade. **Revista PSYKHE**, v.8, N.1, 19-25, 1999.

SAWAIA, B.B.. Teoria Laneana: a univocidade radical aliada à dialética-materialista na criação da Psicologia Social histórico-humana **Psicologia & Sociedade**; 19, Edição Especial 2: 81-89, 2007.

VYGOTSKY, L. **Psicologia da Arte**. (P. Bezerra, Trad). São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ZILBERMANN, R. **A literatura infantil na escola**. São Paulo: Global, 2003.

SOBRE O ORGANIZADOR

BENEDITO RODRIGUES DA SILVA NETO- Possui graduação em Ciências Biológicas pela Universidade do Estado de Mato Grosso (2005), com especialização na modalidade médica em Análises Clínicas e Microbiologia (Universidade Candido Mendes - RJ). Em 2006 se especializou em Educação no Instituto Araguaia de Pós graduação Pesquisa e Extensão. Obteve seu Mestrado em Biologia Celular e Molecular pelo Instituto de Ciências Biológicas (2009) e o Doutorado em Medicina Tropical e Saúde Pública pelo Instituto de Patologia Tropical e Saúde Pública (2013) da Universidade Federal de Goiás. Pós-Doutorado em Genética Molecular com concentração em Proteômica e Bioinformática (2014). O segundo Pós doutoramento foi realizado pelo Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências Aplicadas a Produtos para a Saúde da Universidade Estadual de Goiás (2015), trabalhando com o projeto Análise Global da Genômica Funcional do Fungo *Trichoderma Harzianum* e período de aperfeiçoamento no Institute of Transfusion Medicine at the Hospital Universitätsklinikum Essen, Germany. Seu terceiro Pós-Doutorado foi concluído em 2018 na linha de bioinformática aplicada à descoberta de novos agentes antifúngicos para fungos patogênicos de interesse médico. Palestrante internacional com experiência nas áreas de Genética e Biologia Molecular aplicada à Microbiologia, atuando principalmente com os seguintes temas: Micologia Médica, Biotecnologia, Bioinformática Estrutural e Funcional, Proteômica, Bioquímica, interação Patógeno-Hospedeiro. Sócio fundador da Sociedade Brasileira de Ciências aplicadas à Saúde (SBCSaúde) onde exerce o cargo de Diretor Executivo, e idealizador do projeto “Congresso Nacional Multidisciplinar da Saúde” (CoNMSaúde) realizado anualmente, desde 2016, no centro-oeste do país. Atua como Pesquisador consultor da Fundação de Amparo e Pesquisa do Estado de Goiás - FAPEG. Atuou como Professor Doutor de Tutoria e Habilidades Profissionais da Faculdade de Medicina Alfredo Nasser (FAMED-UNIFAN); Microbiologia, Biotecnologia, Fisiologia Humana, Biologia Celular, Biologia Molecular, Micologia e Bacteriologia nos cursos de Biomedicina, Fisioterapia e Enfermagem na Sociedade Goiana de Educação e Cultura (Faculdade Padrão). Professor substituto de Microbiologia/Micologia junto ao Departamento de Microbiologia, Parasitologia, Imunologia e Patologia do Instituto de Patologia Tropical e Saúde Pública (IPTSP) da Universidade Federal de Goiás. Coordenador do curso de Especialização em Medicina Genômica e Coordenador do curso de Biotecnologia e Inovações em Saúde no Instituto Nacional de Cursos. Atualmente o autor tem se dedicado à medicina tropical desenvolvendo estudos na área da micologia médica com publicações relevantes em periódicos nacionais e internacionais. Contato: dr.neto@ufg.br ou neto@doctor.com

ÍNDICE REMISSIVO

A

Ação 5, 6, 7, 8, 174, 219, 220, 249
Adesão a diretrizes 189
Adesão a diretrizes, 189
Adolescentes 7, 11
Alzheimer 55, 56, 57, 58, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 116, 119
Ancestralidade 251
Antimicrobianos 189
Aprendizagem Baseada em Problemas 142
Atenção Primária a Saúde 95, 104
Auditoria 55, 95, 96, 97, 98, 103, 104
Avaliação do impacto na saúde 219

B

Busca de sensações 43, 46, 53

C

Cárcere 174
Compreensões Psicológicas 239
Consumo de álcool 43, 49, 50
Contação de histórias 75
Correlatos 43, 49, 50
Cuidador 85, 105, 113, 115
Cuidados 8, 56, 58, 62, 65

D

Demência 56, 58, 62
Depressão pós-parto 239, 247, 248
Doença de Parkinson 205, 206, 207, 212, 215, 217, 218
Doenças 11, 141, 222, 223, 240

E

Educação em saúde 10, 105, 107, 111, 112, 117, 119, 130, 165
Educação por pares 90
Educação Superior 153
Enfermagem 1, 11, 15, 23, 33, 34, 35, 36, 39, 41, 42, 55, 56, 58, 63, 67, 68, 69, 70, 71, 73, 74, 105, 115, 116, 117, 119, 134, 142, 145, 146, 147, 149, 150, 162, 163, 164, 171, 175, 182,

204, 231, 233, 236, 237, 246, 248, 249, 252

Equipe de Assistência ao Paciente 16

Equipe de Enfermagem 67

Equipe Interdisciplinar de Saúde 183

Esgotamento profissional 231

Espiritualidade 251

Estudantes de Enfermagem 142

Estudos de Validação 23

Estudos epidemiológicos 219

Estudos validados 105

F

Farmácia 20, 175, 189, 192, 202, 204, 248

G

Gerenciamento 120, 126, 127, 128, 192, 199

Gestão em Saúde 95

H

HIV 6, 7, 12, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 30, 31, 33, 34, 91, 174

Hospitalização 105, 107, 230

I

Idoso 23

Indicadores demográficos 219

Internação Hospitalar 183

Intervenção com grupo de crianças 75

L

Logística Reversa 120, 121, 127

M

Manejo de espécimes 130

O

Odontologia Preventiva 2

Outubro Rosa 174

P

Platelmintos 137
Potência de ação 75
Práticas integrativas 175, 178, 179, 181
Prevenção 11, 91, 165, 172
Prevenção às Infecções Sexualmente Transmissíveis 91
Prevenção e controle 165
Processo de Enfermagem 67, 68, 74
Promoção da Saúde 2, 89, 90, 176, 187
Psiquiatria Infantil 16

R

Realidade Virtual e Reabilitação 206
Relato de Experiência 176
Resíduos Sólidos 120, 124, 125, 127, 128

S

Saúde ambiental 219
Saúde Bucal 2, 7, 8
Saúde Mental 16, 17, 150, 239
Saúde Pública 2, 5, 1, 2, 55, 89, 134, 172, 202, 204, 229, 230, 247, 248, 252
Saúde Sexual e Reprodutiva 23, 90
Síndrome de Burnout 231, 233, 234, 235, 236, 237, 238
Sistema Único de Saúde 16, 17, 97, 104, 144, 153, 156, 161, 176, 251
Sistema urinário 165
Subjetividade Materna 239

T

Tanatologia 36, 38, 39, 41
Técnicos em farmácia 189
Terapias Complementares 153
Traumatismos da Medula Espinal 183

V

Vigilância em saúde pública 130, 137

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-590-7

